

4

TEATRO

BRASILEIRO

FEVEIREIRO DE 1956 - CR\$ 10,00



diretor: alfredo mesquita
 redator-chefe: sábito magaldi
 diretor técnico: willys de castro
 conselho consultivo: esther mesquita, claude vincent, marília pedemeiros, clóvis garcia, decio de almeida prado, paula mendonça.
 representantes: joão bethencourt (rio de janeiro), josé carlos cavalcanti borges (recife), antônio abujamra (porto alegre), joão etienne filho (bela horizonte)
 editora - livreria jaraguá Ltda.
 impresso pela sociedade anônima impressora brasileira.

capa: desenho de millor fernandes	
problemas de estética teatral — por otto maria carpeaux	1
a propósito de um "hamlet" — por sérgio cardoso	3
proêmio, recorde mundial de interpretações	4
algumas observações sobre a representação de "à margem da vida" — ecos da última temporada teatral na inglaterra — por alfredo mesquita	9
"do tamanho de um defunto", comédia de millor fernandes	11
"a casa de chá do luar de agosto" — por Maurice Vaneau	23
teatro no rio — por joão bethencourt	24
crônica de são paulo — por decio de almeida prado	26
a experiência do teatro de arena	27
os espetáculos em são paulo — por sábito magaldi	28
o teatro na exposição de arte religiosa — festival brasileiro de teatro amador — os prêmios de teatro da prefeitura do rio — pequeno teatro popular	30
companhias estrangeiras no brasil — teatro novos comediantes — escola de arte dramática	31
retábulo de natal	32

PROBLEMAS DE ESTÉTICA TEATRAL

São muitos: seu número e sua diversidade resistem à tentativa de sistematizá-los. Ainda não existe disciplina chamada *Estética do Teatro*, como parte da estética geral ou da estética literária. São estudos esparsos sobre, digamos, o problema da catarse, cujo alcance não foi possível estender para além da esfera do teatro grego; ou então, sobre o papel do conceito *Honra* no teatro espanhol; ou sobre a relação entre estrutura poética e psicologia dramática nos elisabetanos; ou sobre o realismo do teatro burguês e o irrealismo do moderno teatro poético; enfim, os problemas são em número demasiado grande para permitir as generalizações dos construtores de sistemas. Aproveitaram-se pedras de todas as cores para construir o Teatro, cheio de gente que também é de todas as cores, raciais, sociais e ideológicas. Mais perto de nós, nesse imenso palco do Teatro Universal, os camponeses de Garcia Lorca e Sygne, os sonhadores de O'Neill, os loucos e os cépticos de Pirandello; atrás deles, a "Intelligentzia" melancólica de Tchekov, os homens maniacos de Wedekind e as mulheres maniacas de Strindberg; os proletários de Hauptmann recuam para deixar passar os burgueses de Ibsen que descendem, paradoxalmente, dos príncipes alemães de Hebbel, Kleist e Schiller; à distância

as máscaras venezianas de Goldoni quase se misturam com os pais enganados, os filhos ingénuos e os médicos expertos de Molière, e com as princesas de Racine; os fidalgos, santos e demônios do teatro espanhol; os personagens, de tamanho sobre-humano, dos elisabetanos ombream com os de Eurípides; de Sófocles; e o fundo da cena, ocupam-no os gigantes e os deuses de Esquilo. E tudo isso é teatro.

Será possível encontrar denominador comum? Não será. Enquanto isso, surgem outros problemas de estética teatral, menores, em parte minúsculos, assaltando-nos com a insistência de insetos pouco amistosos. Eis aqui alguns exemplos.

Há tantas peças poderosas, impressionantes, boas eativas; no entanto, tão grande é a falta de matéria-prima teatral que se fazem empréstimos a outros gêneros. Mas o resultado não é bom. Os romances dramatizados, "Ana Karenina", "Crime e castigo", "Thérèse Raquin" no teatro, muitas vezes já foram sucessos de bilheteria; nunca se produziu, porém, dessa maneira, uma obra dramática de valor permanente. Por que não? Dizem-nos que o romance está mais ligado à sua época, estaria menos fora do tempo do que o teatro. Mas será verdade? Os costumes e cenários teatrais tornam-se anacrônicos com uma velocidade notável. Durante o século XIX, os cenógrafos e os alfaiates confeccionaram suas obras, para o teatro de enredo histórico, sob a supervisão de historiadores eruditíssimos. Em vão: as fotografias de atores de 1880 em trajes humanos, arqueologicamente exatos, já nos parecem tão anacrônicas como os céasares com peruca, de Corneille, ou os do Globe Theatre, da Companhia Burbadge & Shakespeare.